

1249**COLESTEATOMA EM CRIANÇAS**

Larissa Petermann Jung, Luiza Alexi Freitas, Marcele Oliveira dos Santos, Maurício Fontoura Ferrão, Xana Maito Mendes, Jéssica Lima Coelho, Letícia Petersen Schmidt Rosito, Sady Selaimen da Costa. Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA)

Introdução: O colesteatoma é definido como o acúmulo de queratina esfoliada dentro da orelha média ou de qualquer área pneumatizada do osso temporal. Perda auditiva e otorreia são as manifestações mais comuns. A perda auditiva é diretamente proporcional ao grau de destruição do sistema timpanossicular, o qual guarda uma íntima relação com a via de formação do colesteatoma. Existem referências de que o colesteatoma seria mais agressivo e teria um pior prognóstico em crianças. Estudos indicam que 83% dos pacientes com colesteatoma apresentam alterações na orelha contralateral (OCL). **Objetivos:** Descrever em crianças: as vias de formação dos colesteatomas, a severidade da perda auditiva condutiva e os achados da OCL. **Métodos:** Estudo transversal. Foram estudadas as videotoscopias de 129 pacientes pediátricos em acompanhamento no ambulatório de otite média crônica do Hospital de Clínicas de Porto Alegre em relação à via de formação dos colesteatomas e aos achados otoscópicos da OCL. Foi avaliada a intensidade do gap aéro-ósseo na audiometria. **Resultados:** A média de idade dos pacientes foi de $12,4 \pm 4,36$ anos. Em relação às vias de formação dos colesteatomas, encontrou-se: 5,4% de colesteatomas epitimpânicos anteriores, 21,7% de epitimpânicos posteriores, 43,4% de mesotimpânicos posteriores, 17,1% com formação de duas vias e em 12,4% a via foi indeterminada. O gap aéro-ósseo encontrado na média tritonal foi menor ou igual a 20dB em 8,7% dos pacientes, entre 20 e 40dB em 43,4% e maior ou igual a 40dB em 47,9%. A OCL apresentou-se normal em 34,9% dos pacientes, 46,5% apresentaram retrações moderadas/severas de membrana timpânica (MT), 7,8% perfuração da MT e 10,9% colesteatoma. Separando os pacientes conforme a via de formação do colesteatoma, a prevalência de alterações na OCL foi semelhante entre os grupos, exceto que no epitimpânico anterior, todas as OCL eram normais ($p=0,004$). **Conclusões:** Observou-se uma maior prevalência dos colesteatomas mesotimpânicos posteriores na população estudada. A maioria delas apresentou média tritonal do gap aéreo-ósseo maior de 20 dB. As alterações mais prevalentes na OCL foram retrações moderadas/severas da MT e colesteatomas. Todas as OCL dos pacientes com colesteatomas epitimpânicos anteriores foram normais, sugerindo, portanto, uma provável origem congênita. **Palavra-chave:** Colesteatoma; Crianças; Orelha contralateral.